

## **DignificAção: um pressuposto à humanização**

José Geraldo Rocha (UNIGRANRIO)

### **Resumo**

Mudar o mundo é algo que decorre das ações cotidianas quando essas são por nós desenvolvidos numa lógica de dignificação humana. Pode ser presenciado na sociedade o processo de perda da sensibilidade humana nas relações sociais. Instaura-se assim uma lógica cultural que prima pela indiferença, pela insensibilidade e descompromisso com o outro. A desconstrução dessa lógica passa a ser uma necessidade, para que um outro mundo seja possível. Esse novo mundo possível vai requerer uma mudança de atitude no comportamento cotidiano do ser humano. A riqueza cultural do ser humano está na capacidade que ele tem de transformar a natureza, o meio onde vive para que sua vida possa ser melhor. Para tal, o desafio começa ao levantarmos e só termina ao deitarmos. E isso se repetindo todos os dias. Nascemos para viver dignificando o mundo com nossa presença qualificada, expressa e manifesta em cada ação e em cada gesto ou palavra.

### **Dignificacion: pre requisito à la humanizacion**

El cambio del mundo resulta de acciones cotidianas quando esas san por nos otros desarrolladas en una lógica de dignificacio humana. Se puede presenciar en la sociedade el processo de perda dela sensibilidade humana en las relaciones sociales. Instaura-se asi uma lógica cultural que prima por la indiferencia, por la insensibilidad y descompromiso com el otro. La desconstruccion de esa lógica passa a ser una necesidad, para que un otro mundo sea possível. Ese nuevo mundo possível vá exigir una mudansa de atitute nel comportamiento cotidiano del ser humano. La riqueza cultural del ser humano está en la capacidad que el tine de transformar la naturaleza, el meio onde vive para que su vida posa ser mejor. Para tal, lo desafio comeiensa al levantarse e solo termina al acostarse. Y eso se repetiendo todos los dias. Hemos nacidos para viver dignificando el mundo com nuestra presensa qualificada, expresa y manifesta en cada acion y en cada gesto o palabra.

O mundo tem se tornado cada vez mais espaço de competitividade. O sistema social e político no qual vivemos apresentam cotidianamente armadilhas que, sem que menos percebamos, somos por elas envolvidos. Vamos perdendo a consciência de coisas, de valores, de referências na convivência social. Essas perdas vão aos poucos nos desumanizando, tornando-nos indiferentes diante dos outros e de nós mesmos.

O presente artigo é resultante de uma inquietação relacionada à humanização do ambiente acadêmico. Muito tem me chamado a atenção atitudes, gestos, palavras e práticas presentes nesse espaço de vivência cotidiana de professores, estudantes, administradores, prestadores de serviços e tantas outras pessoas.

Não pretendemos com o presente artigo ter a última palavra a respeito da temática, apenas oferecer uma contribuição singela para o enriquecimento das reflexões e assim propiciar um debate, onde outras contribuições possam vir à tona.

Falar de dignificação como pressuposto para a humanização, nos remete a antigas discussões a respeito do tema do humanismo. Na história da humanidade essa questão foi posta por pensadores que faziam questão de diferenciar o humanismo cristão entendido como:

O humanismo cristão baseia-se na visão cristã do homem, respectivamente numa visão compatível com o cristianismo. Ele indaga o caminho a trilhar pelo homem, desejoso de conseguir a maturidade e a plenitude pessoal na procura de Deus e de Cristo. Haverá interpretações variadas quanto às bases e quanto o caminho. Em todo caso, porém, aceita-se o homem como criatura de Deus, como ser dotado de corpo e espírito, como pessoa. (PFEIL, 1962, p.8)

Já o humanismo ateu, por sua vez parte de uma compreensão diferenciada a respeito do homem.

O humanismo ateu, em todas as suas diferentes modalidades, caracterizava-se, ao invés, pela repulsa ao cristianismo. Ele apresentava a sua visão de mundo como conquista (...) O homem é tido como ser imanente e sua finalidade última, - se é que dela se fala - só pode consistir em objetivos de ordem natural (PFEIL, 1962, p. 9)

Na perspectiva da humanização, ou melhor, das preocupações com a falta dela em alguns ambientes, fica lançado o convite a você caro leitor a

refletir comigo alguns fatos que tenho presenciado no cotidiano da vida no ambiente acadêmico.

Um dia, almoçando na praça da alimentação, naquelas mesinhas com quatro cadeiras, estava sentado sozinho. Estava com algumas pastas com livros e papéis, coisas do meu cotidiano de professor. Coloque essas coisas sobre uma das cadeiras. Um jovem estudante passou por mim e de modo meio “atabanado” deu um esbarrão na cadeira. Minhas pastas foram ao chão, a cadeira bateu em minhas pernas. O jovem estudante seguiu adiante como se nada tivesse acontecido. Sequer olhou pra trás. Confesso, fiquei sem palavras diante do acontecimento.

Outro fato está relacionado aos processos de avaliações ou provas. Época de provas na universidade nem todos os alunos obtêm um aproveitamento tal qual almejado. Ao tomarem ciência de suas notas, reagem de modo peculiar. Envia alguns e-mails, estamos na era da comunicação virtual “veja lá professor! Sou bolsista e não posso ficar com uma nota baixa. Veja o que o senhor está fazendo”. Outro e-mail dizia: “minha nota foi lançada errada, isso é um absurdo e injusto.... se o senhor não mudar, vou tomar minhas providencias”

Para enriquecer um pouco mais vamos a um terceiro fato. No mesmo espaço, a praça da alimentação, outro fato me chamou a atenção. Uma senhora almoçava com seu filhinho de cinco ou seis anos numa das tais mesinhas quando a criança entornou um copo de refrigerante. Na mesa ao lado, estavam três jovens senhoras, que também utilizavam algumas cadeiras para deixarem suas bolsas durante o almoço. O refrigerante entornado respingou nas bolsas das senhoras. A mãe da criança ficou visivelmente constrangida com o fato. Uma das senhoras disse a ela: “não tem problema senhora eu também tenho filho pequeno”.

Os três fatos são ilustrativos. São apenas alguns entre tantos. Merecem uma apreciação.

No primeiro caso, fiquei imaginando. Céus! Que tipo de ser humano estamos formando? Para desempenhar profissionalmente o que em uma sociedade? A sociedade é composta de seres humanos. Estes por sua vez se relacionam, interagem. Estamos em um ambiente acadêmico.

Tenemos que educar de manera que los jovens conciban al hombre como a uma especie que se desarrolla em um médio quel él mismo está modificando, tarea que debe cumplir unicamente si tiene conciencia de lo que hace (PLATT, 1969, p.170)

Existem alguns elementos que são imprescindíveis nos processos de interação social. Pensando no fato acontecido, fui tomado por um sentimento de tristeza muito grande. Não pelas minhas pastas caídas ao chão, mas por aquele jovem, por aquele ser humano causador de tal ação. O seu comportamento “natural” como se nada tivesse acontecido, é revelador de um processo de desumanização crescente nas relações sociais. O outro não significa absolutamente nada. As pessoas estão preocupadas apenas consigo mesmas. Vão assim cotidianamente tornando-se cruéis consigo e com os outros. Vão se empedernido, dendrolitando-se e gelificando-se. A insensibilidade passa a tornar-se característica nesse processo de desumanização. Poderá ser um excelente profissional suplantando certos valores humanos concensuados na história das sociedades humanas?

No fato dois, o que me chama a atenção é que nesse processo de desumanização que vez por outra se expressa no cotidiano acadêmico, é crescente a forma desrespeitosa nas relações. Nas falas de alguns estudantes chega a ser ofensivo o tom empregado. Confesso, sou do tempo em que o respeito mútuo era considerado valor na convivência, não só entre alunos e professores, mas com as pessoas de modo geral. O outro não é meu escravo, não é minha propriedade. Não é pelo fato de o estar pagando para fazer um determinado serviço que me dá direito de trata-lo como bem quero, como bem desejo. Não é pelo fato de estar em posição ou função diferenciada que o outro tem valor humano diferenciado. O ser humano o é pela sua essência. Essência essa que lhe confere a dignidade. Dignidade essa que exige ser valorizada e respeitada.

Dignidade vem do latim dignitate e pode ser definida como honradez, honra nobreza, decência, respeito a si próprio, conforme O Novo Dicionário Aurélio e Minidicionário Aurélio, ambos da Editora Nova Fronteira, e está ligada ao ser humano por uma abstração intelectual representativa de um estado de espírito.

A dignidade, por conseguinte, é um atributo humano sentido e criado pelo homem e por ele desenvolvido e estudado, existindo desde os primórdios da humanidade, mas só nos últimos dois séculos percebidos plenamente, apesar de que quando o ser humano começou a viver em sociedades

rudimentarmente organizadas a honra, honradez e nobreza já eram respeitadas pelos membros do grupo, o que não era percebido e entendido concretamente, mas geravam destaque a alguns membros (SANTOS, 1996)

O terceiro fato vem fazer um contraponto. A atitude da jovem senhora é louvável! Fez tão bem àquela mãe aflita e desconcertada com o incidente do filho, que ela respirou como que aliviada. Tive a impressão que ela estava preparada para ouvir uma bronca. Fez muito bem a mim também. Pois presenciava a sena e já sofrendo com a fadiga da mãe, respirei aliviado. Num processo de desumanização, um fato como esse você pode acabar de humilhar a pessoa que já está fragilizada. O mérito ali esteve em reconhecer a essência do ser humano ali presente e soerguê-lo num momento difícil. Diante disso, não resisti e fui até a mesa das jovens senhoras e as felicitei pela cena que acabara de presenciar.

Estou convencido que necessitamos do amanhecer ao anoitecer, em todo e qualquer lugar por onde andamos utilizarmos das inúmeras possibilidades de dignificar nossos gestos, nossas ações, nossa palavra. Por mais simples que seja, dignifique suas atitudes. Ao dignificá-las você se dignifica. E em decorrência de sua dignificação do gesto, o outro também se dignifica.

Poderíamos aqui discorrer sobre inúmeros fatos que vão demonstrando a perda da capacidade do ser humano em sensibilizar-se com as suas ações e com a ação dos outros. É como se vivesse em um mundo, onde aquilo que ele faz ou deixa de fazer não tivesse nenhuma implicação na vida do outro, num verdadeiro processo de negação da interação social. Vejamos o que nos diz DIAS nessa perspectiva.

Quando duas ou mais pessoas então em contato entre si e estabelecem comunicação, ocorre uma ação recíproca entre elas, isto é, suas idéias, sentimentos ou atitudes provocarão reações umas nas outras, acontecendo uma modificação de comportamento de todos. As pessoas influenciam e sofrem também influencia dos outros ( DIAS, p. 86)

É um ser humano que já não consegue fazer a conexão entre a ação que desenvolve o sentido de sua ação e os efeitos da mesma. Ao indivíduo para no corredor do terceiro, quanto andar de um prédio, fuma seu cigarro e

joga a bituca pela janela. Para ele, aparentemente, nenhum problema. Lá em baixo onde caiu a bituca do cigarro na calçada, um gari está varrendo a rua. Ele olha para cima e pergunta: “quem está sujando o local que acabei de limpar?”. “Veja professor que desrespeito com o trabalho da gente”. Eu então estico a conversa e ele sentindo se valorizado ao ser ouvido acrescenta: “...e olha que esse prédio é uma universidade, põe educação nisso”.

Quantos de nós estamos cansados de ver as pessoas fumarem e jogarem as cinzas e a bituca do cigarro no primeiro vaso de planta que encontra ?

Em outra oportunidade conversava numa sala de aula sobre essas coisas do dia a dia de uma aula de sociologia. Falava de como as pequenas atitudes que tomamos revelam traços de nossas percepção e relação com o mundo e com as pessoas. Fui exemplificar como as pessoas numa sala de aula costumam mascar seu chiclete e despretensiosamente colam a goma embaixo da carteira que ele está usando. Quando coloquei a mão para dar o exemplo, lá estava um chiclete colado. O riso foi geral, parecia algo planejado. No entanto, nada mais era a expressão do que acabara de falar. Naturalizamos coisas, gestos e ações, como que criando uma cultura alternativa, uma lógica “especial” onde o sentido e o significado daquilo que fazemos não mais nos parece questão.

Quando falamos em dignificar a ação, nos referimos à possibilidade e ao mesmo tempo à necessidade de agregar esforços em processos de desconstrução dessa pseudo lógica nas relações sociais e simultaneamente apresentar possibilidades de engendramento de uma nova lógica cultural. Nessa perspectiva faz jus a compreensão do “ tempo para plantar, tempo para arrancar o que se plantou, tempo para colher...”

A riqueza cultural do ser humano está na capacidade que ele tem de transformar a natureza, o meio onde vive para que sua vida possa ser melhor. O Fórum Social Mundial trabalhou muito com a afirmação de que “ um outro mundo é possível”. É verdade, esse outro mundo possível passará inegavelmente por uma dignificação da ação do ser humano. Tornar o mundo um espaço digno para a vida humana constitui em grande desafio para o ser humano na contemporaneidade.

Nascemos para viver dignificando o mundo com nossa presença qualificada, expressa e manifesta em cada ação e em cada gesto ou palavra. Existem palavras que tanto bem nos faz pronunciá-las, ouvi-las. Elas nos empreguam de energias, de vontade de viver, nos ambientes onde são pronunciadas.

A palavra tem força, tem energia, tem axé. Quando bem dita, empregado no momento adequado, provoca verdadeira revolução. E o mais interessante, custa tão pouco ou quase nada, a e significa tanto.

Dignificar nosso sorriso fará o outro muito melhor, além de melhorar a nós mesmos. É muito mais agradável relacionar-se com alguém que sempre tem uma palavra amiga, um sorriso no rosto, um gesto solidário.

Na dignificação vamos encontrar o acolhimento do outro, num mesmo instante em que somos pelo outro acolhido. Esse dom do acolhimento nos dias atuais tem sido negligenciado em alguns segmentos sociais. Quem sabe necessitaríamos reaprendê-lo com a vivência dos pobres. “Nos tempos atuais, o modo como os pobres acolhem é certamente um sinal da presença do Reino” (ROCHA, 1998, p. 129)

Vivemos numa sociedade que dá jeitinho para tudo (REGA, 2000; DA MATA). Então por que não pensarmos num jeitinho de, cotidianamente, instaurar formas e mecanismos de valorização da dignidade humana?

## **Conclusão**

Mudar o mundo nem sempre está associado a processos revolucionários através de guerras. Na medida em que cada um de nós se coloca em atitude de dignificação daquilo que faz, daquilo que fala, daquilo que constrói, a sua contribuição será sentida por todos os que de modo direto ou indireto venha com ele se relacionar.

Exercitar o dom do humanismo, dom recebido por natureza, é desenvolver a sociabilidade. Trata-se de um cultivo humano, na perspectiva de se tornar mais úteis aos outros. ”(FREIRE, Antonio. p.18)

É, naturalmente a instauração de uma nova cultura, com novos elementos atuando como referência. Lembro-me aqui de um conto que ouvi certa vez. Certo dia uma senhora colocou na janela de sua casa um vaso de

flores. Os vizinhos, ao verem as flores se perguntavam por que ela colocara flor na janela? Achando interessante o gesto da vizinha, uma outra passou a colocar também na sua janela um vaso de flor. Tal gesto foi tomando conta de todas as famílias da rua até chegarem ao ponto de em cada casa havia flores nas janelas. A rua ficou tão transformada em razão das flores, que não combinava mais com as calçadas feias e esburacadas. Então resolveram arrumar as calçadas. Tudo ia ficando tão interessante, que as casas demandaram uma pintura, coisa que há mais de vinte anos não acontecia naquela rua. Ao verem que a rua havia modificado totalmente, os moradores de outras ruas passaram a fazer o mesmo e quando perceberam a pacata cidade estava toda modificada. As pessoas se reuniam nas praças para comentar o ocorrido. A simples ação de uma senhora acabou influenciando na mudança de atitude, de comportamento de uma cidadezinha inteira. Todos falavam com orgulho de suas ruas de seus bairros e de sua cidade. Todos se orgulhavam de sua ação e contribuição que deram para que o gosto pela vida naquela cidadezinha, que se tornou um lugar acolhedor da dimensão humana da vida.

A dignificação da ação humana é certeza de um mundo melhor para ser habitado por todos e pode começar a cada manhã quando dizemos ao outro BOM DIA!

Alô bom dia oh como vai você um olhar bem amigo, um forte sorriso, um aperto de mão”.

E agente sem saber como e por que se sente feliz e sai a cantar uma nova canção.

Bom dia nada custa ao nosso coração, é bom fazer feliz o nosso irmão.

A Deus se deve amar, amar sem distinção, alô, Bom dia Irmão

(Musica do domínio popular, utilizada em encontros de comunidade eclesiais de base)

### Referências Bibliográficas

DA MATA, Roberto. **O Que Faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Salamanka, 1984.

\_\_\_\_\_, **RELATIVIZANDO:** Uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1990.

FREIRE, Antonio. **Humanismo Clássico:** Estudos de Cultura e Literatura Greco-latinas. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1986.



PFEIL, Hans. **O Humanismo Ateu na Atualidade**. Petrópolis RJ: Vozes, 1962

PLATES, Roert. **El humanismo em la Arte y la Ciência**. Buenos Aires: Ediciones Hormés S.A.E, 1969.

REGA, Lourenço Stelio. **Dando jeito no jeitinho**. Como ser ético sem deixar de ser brasileiro. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.

ROCHA, José Geraldo da. **Teologia e Negritude**: um estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros. Santa Maria: Gráfica e Editora Pallotti, 1998.

SANTOS, Antonio Silveira Ribeiro dos. Artigo publicado em: Diadema Jornal - SP- 10.03.96; Notícias Forense-SP - fev./96.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: PEARSON / Prentice Hall, 2005.